

ISSN 2357-8203

Revista

Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 2 - Jul/Dez 2019



UMA ANÁLISE MULTIMODAL E DISCURSIVA DA MÍDIA: ESCALADAS DO JORNAL NACIONAL EM JOGO

A MULTIMODAL AND DISCURSIVE ANALYSIS OF MEDIA: JORNAL NACIONAL CLIMBINGS AT STAKE

Maria Geizi Silva Pinto¹²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo principal analisar textos midiáticos de telejornal, no que se refere aos aspectos estruturais, discursivos e multimodais, almejando dar fomento ao trabalho de leitura e produção textual em sala de aula. Para tanto, a pesquisa investiga como se constitui um dos principais segmentos de mídia jornalística televisiva, o *Jornal Nacional*, e como seu estudo pode oferecer subsídios importantes ao processo de ensino-aprendizagem de língua. Tomam-se, como teoria de base os pressupostos da Análise Crítica do Discurso, teoria que aborda o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial, propondo pesquisas voltadas para relações sociais caracterizadas pela luta e conflito, materializadas por discursos como o institucional, político, de gênero (*gender*) e da mídia (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1990; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2011). Paralelamente, pela própria natureza dos dados, especialmente quanto a seu caráter de constituição de aparato de multimodalidade, são tomados os conceitos da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; FERNANDES; ALMEIDA, 2008). Para tanto, optou-se por uma abordagem qualitativa e interpretativista, especialmente de caráter crítico e documental (BAUER; GASKELL, 2008). Com isso, foram selecionadas escaladas de cinco edições do *Jornal Nacional*, no período de janeiro a março de 2019. As edições selecionadas são representativas de temas e eventos sociais recorrentes no período mencionado. Os resultados da pesquisa apontam para uma necessidade premente de melhor conhecer os caracteres constitutivos de exemplares de mídia para o fomento de atividades de leitura e produção de texto no ensino básico.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Escaladas de telejornal. Multimodalidade discursiva.

ABSTRACT: The present study has as main objective to analyze news media texts on television news, with regard to structural, discursive and multimodal aspects, aiming to promote reading and textual production in the classroom. To this end, the research investigates how one of the main segments of television news media, *Jornal Nacional*, and how its study can offer important subsidies to the language teaching-learning process. As a

¹² Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pós-graduanda no curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e no curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). É atuante, principalmente, nos seguintes temas e correntes teóricas: Análise Crítica do Discurso, Discurso Midiático, Gramática do Design Visual e Multimodalidade Discursiva. Atualmente é professora na Escola Municipal Padre Amaro, em Paraú/RN. E-mail: pintogeizi@gmail.com

theoretical background, the assumptions of Critical Discourse Analysis are taken, a theory that addresses the context of language use as a crucial element, proposing research aimed at social relations characterized by struggle and conflict, materialized by speeches such as institutional, political, gender, and of the media (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1990; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2011). At the same time, due to the nature of the data, especially regarding its character of constituting a multimodality apparatus, the concepts of the Grammar of Visual Design are taken (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; FERNANDES; ALMEIDA, 2008). For that, we opted for a qualitative and interpretative approach, especially of a critical and documentary character (BAUER; GASKELL, 2008). As a result, climbs of five editions of *Jornal Nacional* were selected, from January to March 2019. The selected editions are representative of recurring themes and social events on that period. The results of the research point to an urgent need to better know the constitutive characters of media samples for the promotion of reading and text production activities in basic education.

Keywords: Critical Discourse Analysis. News Climbing. Discursive multimodality.

1 INTRODUÇÃO

Podemos apontar que os dois modos de comunicação, verbal e visual, não são e não fazem as mesmas coisas. Uma vez que uma mensagem sendo expressa pela linguagem visual não comunica exatamente o mesmo quando expressa pela linguagem verbal. Verbal e visual não coexistem meramente, pois a função da linguagem visual mudou, passando de mero apoio comunicativo a veículo de informação relevante. A forte interação entre verbal e visual pode causar efeitos de sentido no modo escrito, ou seja, a relação entre ambas as linguagens, a maneira como elas coexistem, podem afetar a forma e a leitura da mensagem veiculada.

A presente pesquisa está voltada para a análise multimodal do discurso de textos jornalísticos, tendo como objeto de estudo escaladas de telejornal pertencentes ao *Jornal Nacional*, da emissora de televisão brasileira *Rede Globo*. Considerando o exposto, nos questionamos como a análise de textos midiáticos de telejornais, no que diz respeito aos aspectos estruturais, discursivos e multimodais, pode contribuir para o trabalho de leitura da mídia?

Diante disso, justificamos a análise de elementos multimodais e aspectos de relevância ideológica evidenciados no discurso de escaladas do *Jornal Nacional*, em virtude não somente da análise da estruturação e apresentação dos textos jornalísticos, mas também, por enfatizar os estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD), apontando em especial, as concepções de ideologia, poder e hegemonia ratificadas no discurso midiático. Ademais, podemos justificar a importância de se trabalhar com este tipo de análise, uma vez que possibilita fomentar uma reflexão que venha contribuir para as práticas de leitura e produção de textos no campo do ensino, derivando para a busca da construção de um letramento crítico para análise das produções midiáticas.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar textos midiáticos de telejornal, no que se refere aos aspectos estruturais, discursivos e multimodais,

almejando dar fomento ao trabalho de leitura crítica da mídia. Objetivamos mais especificamente: (i) proporcionar uma análise dos elementos de design visual em escaladas de telejornal, em especial no que tange ao significado representacional narrativo; (ii) identificar os elementos que estão comumente ligados à estrutura genérica do objeto “escaladas de telejornal”; (iii) investigar à luz da ACD as práticas sociais estabelecidas no discurso da mídia jornalística, sobretudo, eventos sociais, estrutura genérica, intertextualidade, interdiscursividade.

No caso estudado é fundamental tomarmos o gênero jornalístico televisivo como parte integrante das práticas que permeiam a vida social urbana na contemporaneidade, para a partir desse posto de observação, desmitificar o papel da mídia que se apresenta como sendo um retrato fiel da realidade, destituído de posicionamento político e ideológico.

Desse modo, tomamos o discurso de textos em escaladas do programa telejornalístico *Jornal Nacional*, no qual realizamos uma análise dos aspectos discursivos, estruturais e multimodais, fundamentados pela teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD). Além disso, nos aportaremos na Gramática do Design Visual (GDV), como teoria de suporte para a análise dos dados.

Fairclough (2006) afirma que para fazer uma análise dos textos da mídia devemos focalizar como o mundo e os eventos são representados, que identidades são construídas para as pessoas envolvidas e que relações são estabelecidas. Portanto, é notória a importância de uma análise mais criteriosa das relações e identidades nos textos da mídia, pois estas despertam importantes questionamentos socioculturais, como o entendimento de como são construídas na mídia jornalística a relação de poder entre o público receptor, as identidades coletivas e aqueles que fazem parte da mídia hegemônica.

A fim de atingir os objetivos propostos neste estudo, desenvolvemos nossa pesquisa com uma abordagem qualitativa e interpretativista, especialmente de caráter crítico e documental (BAUER; GASKELL, 2008). Além disso, a pesquisa de natureza qualitativa alude ao fato de que não há planejamentos de pesquisa pré-moldados, mas sim uma multiplicidade de métodos para tratamento dos dados.

Sob essa perspectiva, para a composição do universo da pesquisa consideramos um conjunto de exemplares do gênero ‘escalada de telejornal’. Compreendemos escalada como o segmento de uma audição de telejornal que é construído para a exposição das principais manchetes do dia, apresentas no início do programa jornalístico, de curta duração e composto de elocução dos jornalistas âncoras, vinheta e acompanhamento de música instrumental.

De modo a fazer os recortes necessários, dentre as metafunções da Gramática do Design Visual, focamos no significado representacional narrativo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), que se caracteriza por trabalhar com estruturas responsáveis pela construção visual de eventos, objetos e participantes, envolvidos na cena em foco, assim como as circunstâncias em que ocorrem.

Segundo Kress e Leeuwen (2006), a função representacional possibilita os sistemas semióticos representarem objetos e suas relações com o mundo exterior ao sistema de representação. No que concerne às representações narrativas, essas podem ser caracterizadas pela presença de uma ação, exercida por um vetor, típico de um traço indicativo de direcionalidade. Quanto ao tipo de vetor, assim como

também o número de participantes envolvidos, sugere algumas modalidades de processos representacionais narrativos, como ação, reação, verbal e mental.

Destarte, organizamos este estudo a partir desta *Introdução*, em que contextualizamos o tema, os objetivos e a metodologia empregada. Por conseguinte, na seção *Análise Crítica do Discurso*, apresentamos alguns postulados dessa teoria que utilizamos como base para o estudo, além de contemplarmos uma subseção na qual discutimos acerca do *Discurso da Mídia*. Em seguida, dedicamos uma seção à teoria de suporte para análise dos dados intitulada de *Gramática do Design Visual*. Na seção *Analisando Escaladas de Telejornal: aspectos discursivos e multimodais*, apresentamos os resultados da pesquisa à medida que os discutimos. Para finalizar fazemos algumas *Considerações Finais*.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso – doravante ACD – trata-se de uma abordagem das práticas discursivas como práticas sociais. Essa, por sua vez, faz uma análise profunda do discurso, considerando o seu contexto de produção, o discurso como prática social e as relações de poder, domínio, discriminação e controle, além de analisar como estas relações são mantidas por meio da língua.

O discurso de cada sujeito reflete o local de sua produção, e somente assim é possível compreender o contexto social de uma determinada parcela de uma sociedade e toda a sua conjuntura. Deste modo, trataremos nesta seção das noções básicas que trata a ADC: discurso, poder, hegemonia e ideologia, que baseiam o entendimento de linguagem não só como prática social, mas também, como instrumento de poder.

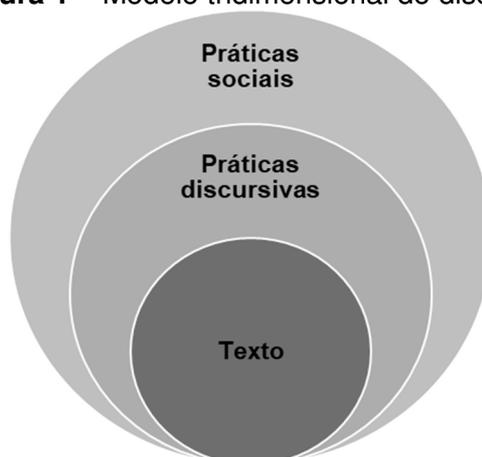
A ACD aprecia o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial, recomendando pesquisas direcionadas para relações sociais de luta e conflito, materializadas por discursos como o institucional, político, de gênero, da mídia. Logo, os conceitos de ideologia, poder e hierarquia são basilares para a interpretação ou explicação do texto. A ACD considera, também, os seguintes pressupostos: (a) o discurso é estruturado pela dominação; (b) cada discurso é historicamente produzido e interpretado, ou seja, está situado no tempo e no espaço; (c) as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detêm o poder (WODAK, 2004).

Do ponto de vista da ACD, o discurso é uma forma de prática social, realizada por intermédio de gêneros discursivos, que se norteiam a partir de tais implicações: (a) os indivíduos realizam ações por meio da linguagem; (b) há uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, na exata medida em que o discurso é simultaneamente influenciado pelas estruturas sociais e as influencia; (c) há uma preocupação com os recursos empregados na produção, distribuição e consumo dos textos, recursos sociocomunicativos, porquanto perpassados por discursos e ideologias (FAIRCLOUGH, 2001).

Conforme demonstrado na Figura 1, Fairclough (2001), de acordo com sua Teoria Social do Discurso, considera três dimensões passíveis de serem analisadas no seu modelo: a do texto, a da prática discursiva e a da prática social. Conforme o método analítico de Fairclough (1990; 2001) o discurso tem três áreas de análise, que

quando unidas possibilitam a compreensão do papel social do discurso: análise de textos falados ou escritos; análise da prática discursiva, que corresponde ao processo total de produção, distribuição e consumo dos textos; e, análise do discurso como uma fração da prática cultural de uma sociedade.

Figura 1 – Modelo tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001)

As análises do discurso e da linguagem realizadas pela ACD são definidas pelo teor crítico que se propõem a “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada pelo uso do discurso” (WODAK, 2004, p. 225). Dessa maneira, Ramalho e Resende (2011, p. 20) refletem que

as categorias linguísticas são utilizadas em ADC como ferramentas para a investigação de problemas sociais, e a unidade mínima de análise é o texto, entendido de modo amplo no que envolve suas condições de produção, distribuição e consumo, e seu funcionamento em práticas sociais situadas.

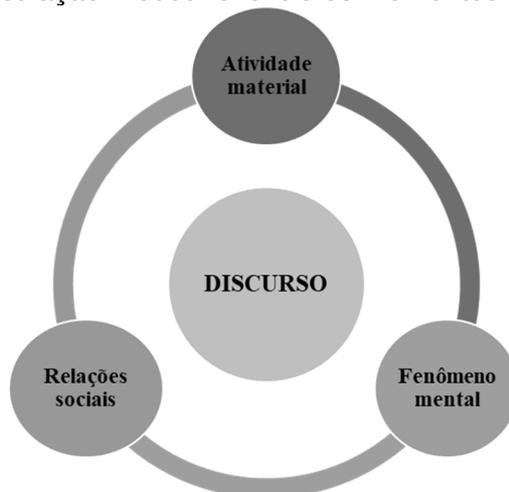
Partindo da análise promovida por Ramalho e Resende (2011, p. 16), entendemos que o discurso possui um efeito articulatório da linguagem, isto é, “o discurso é o momento integrante e irredutível das práticas sociais que envolve a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: fenômeno mental, relações sociais e mundo material”.

Desse modo, a depender do objeto de investigação, atentamos para transcender a uma dimensão linguística, para se incluir as dimensões histórica, política, sociológica e/ou psicológica na análise e interpretação de um evento discursivo específico, em uma perspectiva transdisciplinar.

O enfoque triangular entre teorias macro é intensamente baseado em um conceito de contexto, atentando a quatro níveis: o imediato, linguagem ou contexto interno; o intertextual e a relação interdiscursiva entre enunciados, gêneros e discursos; as variáveis e institucionais enquadres extralinguísticos de um específico contexto de situação; os amplos contextos sociopolíticos e históricos nos quais as práticas discursivas são incorporadas (WODAK, 2008).

Wodak (2008) procura fugir do risco de uma análise de discurso limitada ao princípio de triangulação, que se volta às relações sociais, às atividades materiais e aos fenômenos mentais, conforme exposto na Figura 2, que demonstra a articulação irredutível entre os momentos da prática social. A sua abordagem histórico-discursiva é demarcada por uma busca do empreendimento para se trabalhar interdisciplinar e multimetodologicamente, além disso, sobre a base de diferentes dados empíricos.

Figura 2 – Articulação irredutível entre os momentos da prática social



Fonte: Adaptação de Ramalho e Resende (2011).

A relação linguagem/sociedade é interna e dialética, então, isso significa que a linguagem se constitui socialmente, e tem consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, a ACD preocupa-se com os efeitos ideológicos que os textos possuem sobre “relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, identidades. Isto é, sentidos a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, que sustentam a distribuição desigual de poder” (RAMALHO, RESENDE, 2011, p. 23).

A partir desses pressupostos, podemos evidenciar também um outro aspecto que trata a ACD, as relações hegemônicas, em outras palavras, que retratam as ideologias de supremacia, de influências preponderantes exercidas por partes e não de um todo, que visam a predominância e superioridade. Assim sendo, vislumbram-se diferentes formas de se instaurar e manter a hegemonia, dentre as quais, a luta hegemônica travada no discurso.

De tal modo, “quando essas perspectivas favorecem algumas poucas pessoas em detrimento de outras, temos representações ideológicas, voltadas para a distribuição desigual de poder baseada no consenso” (RAMALHO, RESENDE, 2011, p. 24). Resumidamente, para Ramalho e Resende (2011, p. 24), “a instabilidade da hegemonia é o que caracteriza o conceito de ‘luta hegemônica’”. Dessa maneira, quando o abuso de poder é estabelecido e assegurado através de significados discursivos está em jogo a ideologia.

Na concepção crítica, a ideologia é, por natureza, hegemônica. Assim sendo, a ideologia é vista pela ACD como sendo hegemônica e de modo inerentemente negativa. “Os sentidos veiculados em textos são classificados como ideológicos

apenas se servem à universalização de interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 26).

Assim sendo, a ACD ocupa-se dos diversos discursos – discurso da mídia, discurso religioso, discurso político, discurso de gênero – e compreendemos que cada um deles possui especificidades. Ao considerarmos esse pressuposto, no tópico a seguir discutiremos brevemente alguns pontos do discurso midiático.

2.1 Discurso da mídia

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), o desenvolvimento da tecnologia, bem como da informação, pressupõe tanto as mudanças econômicas quanto culturais. Isso significa dizer que é possível abrir espaço para novas formas de experiência e conhecimento, assim como novas formas de relacionamentos com outras pessoas distantes, via meios de comunicação, tanto impresso quanto eletrônico.

Chouliaraki e Fairclough (1999) afirmam que a modernidade se fixou na transmissão de sinais econômicos e culturais que ultrapassam a barreira do tempo e espaço, tornando-se possível uma grande circulação e renovação do conhecimento, bem como novas formas de ação e interação a distância.

Para Fairclough (2006, p. 30), é notório que

O impacto dos meios de comunicação e mediação não pode [...] ser tomado como garantido, pois depende da recontextualização das 'mensagens' de mídia em muitos contextos diversos de recontextualização, cujas características e circunstâncias estruturais, históricas, institucionais, sociais e culturais específicas moldam os modos em que as 'mensagens' de mídia são recebidas, interpretadas, e reagem ao impacto que eles têm em última análise.

Moraes (2013, p. 20) procura sintetizar características básicas do sistema midiático nos seguintes termos:

1. Evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social;
2. Demonstra desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de suas conveniências particulares;
3. Incute e celebra a vida para o mercado, a supremacia dos apelos consumistas, o individualismo e a competição.

De certo modo, é possível acreditar que, do ponto de vista da organização social das indústrias de mídia, esta mantém forte conexão com uma distribuição desigual de poder e de recursos, direcionando-se ao fato de que indivíduos dão sentidos diferentes aos produtos da mídia, sendo do mesmo modo diferenciada a forma como a incorporam em suas vidas (THOMPSON, 1998).

Diante disso, Thompson (1998) organiza as formas de poder em quatro, sinalizando os recursos e as instituições que permitem tal exercício, conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Formas de poder

FORMAS DE PODER	RECURSOS	INSTITUIÇÕES PARADIGMÁTICAS
Poder econômico	Materiais e financeiros	Instituições econômicas (p. ex. empresas comerciais)
Poder político	Autoridade	Instituições políticas (p. ex. estados)
Poder coercitivo (especialmente poder militar)	Força física e armada	Instituições coercitivas (especialmente militares, mas também a polícia, instituições carcerárias, etc.)
Poder simbólico	Meios de informação e comunicação	Instituições culturais (p. ex. a Igreja, escolas e universidade, as indústrias da mídia, etc.)

Fonte: Thompson (1998, p. 25).

Segundo Costa (2016), a questão pode ser tomada a partir da triangulação entre ação, poder e comunicação, que se situa no campo da produção/consumo do conteúdo simbólico, na relação das formas de poder, pondo o poder simbólico ao lado de outras formas que se entrelaçam – o poder econômico, o poder político e o poder coercitivo, tal como preconizou Thompson (1998).

Para Thompson (1998, p. 106), “ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência”.

É possível compreendermos que a mídia vem tomando espaço significativo na sociedade mundial e brasileira, influenciando e mostrando o que quer, utilizando essas ferramentas para que não seja só possível disseminar a notícia, mas também impor uma verdade, que nem sempre é absoluta, distorcendo notícias. No que tange ao diálogo da relação entre mídia e poder, Chauí (2006), aprecia esta como uma questão central, situa o problema sob dois aspectos, o econômico e o ideológico.

A autora supracitada afirma, ainda, que a partir de um ponto de vista ideológico, temos uma ideologia contemporânea como invisível ao passo que as representações aparecem desprovidas de localização. A ideologia não parece ser construída por um agente determinado, convertendo-se em um discurso anônimo e impessoal, que parece brotar espontaneamente da sociedade como se fosse o discurso da sociedade. Portanto, é sustentado uma representação imaginária com barreiras que obstaculizam a veiculação da palavra, e assim, o discurso dos meios de comunicação se apresenta de maneira em que não se explicita sua vocação de discurso de poder.

Isto posto, tendo nos apropriado das concepções da ACD e do discurso midiático, passaremos a dialogar sobre a linguagem visual, caráter constituinte dos dados dessa pesquisa, logo, nos ancoramos nas contribuições da GDV.

3 GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

A comunicação é uma característica inerente ao ser humano, seja por meio da linguagem verbal, oral ou escrita; seja por meio da linguagem visual, corporal ou de sinais. A língua participa da constituição do sujeito, significado, sentidos,

sentimentos, texto. Entretanto, como sabemos, por muito tempo as imagens foram entendidas como recursos meramente ilustrativos do texto verbal ou que complementavam seus aspectos. Todavia, é preciso compreender que a imagem e o aspecto visual por si só constituem um texto, que denota uma carga semântica própria, independentemente de estabelecer ou não relações com textos verbais.

Compreendemos que “imagens produzem e reproduzem relações sociais, comunicam fatos, divulgam eventos e interagem com seus leitores com força semelhante à de um texto formado por palavras” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 11). De acordo com Costa (2016, p. 96),

a relação entre a imagem e os usuários não se dá no seio de uma relação abstrata, de modo dissociado de um contexto múltiplo – social, institucional, técnico, ideológico. Isso suscita questões básicas relativas ao funcionamento da imagem tais como que relação ela estabelece com o ‘real’; como se dão as formas e meios de tal representação; como ela trabalha com categorias singulares de nossa concepção de realidade, relações de espaço e tempo, por exemplo; como a imagem lida com a inscrição de significações.

Desse modo, estudos foram surgindo e dando maior importância à abordagem dos textos imagéticos. Dentre os quais destacamos a teoria da Gramática do Design Visual – de agora em diante GDV –, a qual fundamentará este estudo, além de dar suporte à análise dos dados aqui tratados.

A GDV é o nome dado à teoria baseada em pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de Halliday. Ela prevê que o aparato visual lida com formas próprias de representação, trabalha com relações entre participantes do evento sociocomunicativo e com relações de significado a partir do modo como se compõem os textos, no que diz respeito à estruturação e ao formato. Kress e van Leeuwen (2006) deram forma a GDV, que surgiu a partir de um postulado de como se dá a arquitetura dos elementos visuais em construtos semióticos.

Para a GSF, o significado linguístico em sua interface com o aparato lexicogramatical não se apresenta em uma relação especular com a realidade, isto é, em uma relação teórica, mas sim, prática. O que existe são dimensões da estrutura semântica que se instituem para a construção em três dimensões: representação, intercâmbio, texto. Observemos o Quadro 2.

Quadro 2 – Correlato entre GSF e GDV

Halliday (GSF)	Kress e van Leeuwen (GDV)	
Ideacional	Representacional	Responsável pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem. Indica, em outras palavras, o que está sendo mostrado, o que se supõe esteja ali, quais relações estão sendo construídas entre os elementos apresentados.

Interpessoal	Interativa	Responsável pela relação entre os participantes, é analisada dentro da função denominada de função interativa, em que recursos visuais arquitetam a natureza das relações de quem vê e o que é visto.
Textual	Composicional	Responsável pela estrutura e formato do texto, é realizada na função composicional na proposição para a análise de imagens, diz respeito aos significados obtidos por meio da distribuição do valor da informação ou ainda através da ênfase relativa entre os elementos da imagem.

Fonte: Adaptação de Fernandes e Almeida (2008).

Assim, a GDV de Kress e van Leeuwen (2006) se diferencia da GSF de Halliday (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), porque a primeira está voltada para o código semiótico da imagem e a segunda, para o código semiótico da linguagem verbal. Todavia, estabelecem as mesmas relações em suas metafunções.

Diante disso, compreendemos que a linguagem verbal e visual são distintas, nem sequer comunicam do mesmo modo, ainda que abordem o mesmo assunto. Verbal e visual coexistem, são complementares, estabelecendo relações comunicativas distintas. E quando estes modos de comunicação estão interligados ocasionam efeitos de sentido na linguagem verbal, acarretando uma nova carga semântica, contribuindo para novas (re)leituras, construindo múltiplas interpretações e, conseqüentemente, afetando a mensagem que está sendo vinculada.

Segundo Costa (2016), a multimodalidade lida com uma compreensão da comunicação e representação para além da linguagem falada e escrita, apontando para toda uma gama de plataformas de comunicação – imagem, gestos, olhar, postura – e a relação estabelecível entre elas.

De acordo com Fernandes e Almeida (2008, p. 22),

O conceito de modalidade, que vem à tona através de diversos mecanismos que ajustam o nível de realidade que a imagem representa, e que tornam possível a criação de imagens que representam coisas, ou aspectos como se não existissem. Vai do mais próximo possível do real, da objetividade, ao irreal.

Para Aquino e Souza (2008, p. 35) as estruturas sociais fazem mais que uma simples reprodução da realidade, elas reproduzem imagens da realidade que estão ligadas aos interesses das instituições sociais, ambiente de circulação, produção e leitura das imagens, isto é, as imagens são ideológicas. Os autores supramencionados reiteram propondo a efetivação de estudos multimodais que ponham em xeque as diversas semioses que podem compor um determinado gênero, delegando sentidos distintos e mais complexos que os elaborados pela escrita.

Assim, cada modo em um conjunto multimodal é compreendido como realizando trabalhos comunicativos diferentes, como tem afirmado Costa (2016, p. 95):

Teorias sobre multimodalidade partem do pressuposto de que todos os modos têm sido moldados pelos seus usos culturais, históricos e sociais com o fim precípuo de realizarem funções sociais. A imagem e outros modos não linguísticos assumem seus papéis específicos em contextos específicos, funções, vale dizer, não fixas, estanques, mas sobretudo articuladas e situadas. Diferentes modos, por conseguinte, proveem diferentes efeitos potenciais sobre as atividades sociocomunicativas, sendo a escolha de um modo em detrimento de outro uma tarefa basilar na formação mesma do conhecimento e construção ideológica.

Segundo Aquino e Souza (2008, p. 35), a multimodalidade é caracterizada pela “união de mais de um recurso semiótico na constituição das ações sociais, configurando-se, assim, como um traço constitutivo de qualquer gênero”.

Aquino e Souza (2008, p. 35) ainda afirmam que “para compreender um texto em sua complexidade devemos atentar para todos os recursos utilizados em sua composição, mesmo que uns sejam mais informativos do que outros”.

Devemos, então, atentar para a disposição dos recursos visuais distribuídos nos textos, pois só assim poderemos defini-los como sendo mais ou menos informativos; não é somente o conteúdo escrito que contém valor informativo, outros fatores também transmitem informações (AQUINO; SOUZA, 2008, p. 35-36).

Para tanto, existem algumas ferramentas que possibilitam modalizar imagens, indo de um extremo ao outro, como está ilustrado no Quadro 3:

Quadro 3 – Mecanismos de modalização de imagens.

Utilização da cor	<ul style="list-style-type: none">• saturação/diferenciação/modulação da sombra à cor plena.
Contextualização	<ul style="list-style-type: none">• sugestão de profundidade, técnicas de perspectiva (da ausência de cenário ao cenário mais detalhado).
Iluminação	<ul style="list-style-type: none">• grande luminosidade até quase a ausência desta.
Brilho	<ul style="list-style-type: none">• luminosidade em um ponto específico (nível máximo de brilho até os tons de cinza).

Fonte: Adaptação de Fernandes e Almeida (2008).

Dessa forma, entendemos que é possível fazer a utilização das cores objetivando manter uma aproximação com a realidade, ou até mesmo distorcendo as cores, trabalhando as tonalidades ou as composições monocromáticas, que

despertam a atenção do leitor para a mensagem que está sendo veiculada, afetando os efeitos de sentidos.

Por conseguinte, fundamentados nas contribuições da ACD e da GDV, passamos a discutir os dados gerados nessa pesquisa, destacando os elementos estruturais, discursivos e multimodais, fomentando a leitura dos textos de mídia.

4 ANALISANDO ESCALADAS DE TELEJORNAL: ASPECTOS DISCURSIVOS E MULTIMODAIS

Para promovermos a análise limitamos um período que compreende de janeiro a março de 2019 para a escolha das edições das escaladas do *Jornal Nacional*. Todavia, estabelecemos outros critérios de seleção, uma vez que trata-se de um período abrangente, e as edições são diárias. Para tanto, selecionamos uma escalada para representar cada temática recorrente no período, ligadas aos eventos sociais e políticos, que geraram grande audiência. As notícias de destaque estavam ligadas às tragédias do incêndio no Ninho do Urubu; o rompimento da barragem em Brumadinho; o massacre na escola em Suzano; casos de violência contra mulheres e feminicídio; e, polêmicas relacionadas ao novo governo brasileiro. Por fim, chegamos a cinco exemplares de escaladas de telejornal – 03 de janeiro, 11 e 15 de fevereiro, e, 13 e 25 de março.

Diante disso, analisamos a amostragem do material a partir dos seguintes critérios discursivo-textuais: o aparato multimodal, incluindo *design* visual e dinâmica de cores; a gestão do nível de atenção midiática e seus estratos – arrebatamento, sustentação, fidelização; o valor-notícia; as categorias da ACD – eventos sociais, estrutura genérica, intertextualidade, interdiscursividade (COSTA, 2016).

Sabemos que o espaço visual da escalada é organizado com a exposição da imagem de dois participantes, os jornalistas que apresentam o segmento, também chamados de âncoras, que se revezam no ato de enunciar as manchetes. Um recurso comumente utilizado na apresentação das escaladas é a utilização de imagens, quer fixas (fotográficas) quer em movimento (vídeos), relacionadas aos tópicos noticiosos, proclamados pelos apresentadores. Por fim, ao final da escalada o surgimento do logotipo do telejornal, exposto em forma de vinheta em movimento, simulando imagem em terceira dimensão (COSTA, 2016).

Um dos temas que tem sido muito frequente nos noticiários e na mídia nos últimos tempos, diz respeito a casos de violência contra a mulher, seja ela física, psicológica, moral, sexual, financeira, e mais intensamente o feminicídio. Esse refere-se à **perseguição e morte intencional de mulheres**. Considera-se feminicídio o assassinato, exclusivamente, por questões de gênero, em outras palavras, quando uma mulher é morta simplesmente por ser mulher. Crime categorizado como **hediondo** no Brasil.

Ao observarmos o Quadro 4 está transcrito a seguinte elocução do apresentador William Bonner “em São Paulo, o que tentou matá-la com fogo, por não aceitar a separação”. Esse tipo de noticiário é frequente na mídia televisiva devido

aos altos índices de feminicídio e violência contra a mulher no Brasil. Isso ocorre porque vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, que alimenta o pensamento de que a mulher é um objeto de posse do homem e, portanto, não pode sair de seu pertencimento, como no caso noticiado em que o ex-parceiro tentou matar a ex-companheira queimada por não aceitar o término da relação. Tais concepções e atitudes estão historicamente, socialmente e culturalmente arraigado de ideologias preconceituosas e de discursos de ódio contra a mulher. No mais, não podemos deixar de destacar que noticiar tais eventos é uma maneira de combater práticas abusivas e criminosas.

Quadro 4 – Relação imagem/locução em off



Fonte: Jornal Nacional, 03 Jan. 2019.

Assim sendo, percebemos que os discursos reproduzidos nos espaços da mídia refletem o local de sua fabricação e somente assim é possível compreender o contexto social de uma determinada parcela da sociedade. Portanto, ao nos depararmos com o discurso midiático, devemos nos voltar às noções básicas que a ADC trata: discurso, poder, hegemonia e ideologia, que baseiam a compreensão de linguagem não só como uma prática social, mas também, como instrumento de poder.

No que concerne aos aspectos multimodais, um dos primeiros recursos evidenciados na apresentação da escalada em questão, trata-se da locução em *off*, que nada mais é do que a utilização de algumas sequências visuais da presente edição do telejornal exibidas na escalada. O apresentador do telejornal narra o texto, todavia, não aparece em cena, dando lugar a imagens, fixas ou em movimento, relacionadas à notícia, que comumente fazem parte da reportagem que será exibida.

Algumas escaladas, mais do que outras, utilizam esse recurso, o que podemos explicar pelo valor que estas imagens carregam, como ineditismo e interesse. Tendo em vista que quanto mais inédita a notícia e quanto mais pessoas puderem ter suas vidas afetadas, mais importante ela é.

Retomando o exemplo do Quadro 4, a apresentadora narra a primeira parte do texto e aparece a imagem dos apresentadores âncoras. Já na segunda parte, que relata o primeiro caso de prisão por violência contra mulheres, o texto é narrado pelo apresentador, porém dá lugar a imagens deste caso, bem como no segundo caso de violência, ocorrido em Goiás, agora narrado pela apresentadora. O mesmo acontece na última notícia na edição desta escalada, que começa sendo apresentado com a imagem do apresentador e, posteriormente, são exibidas imagens que têm relação com a notícia e a locução passa a ser em *off*.

É preciso considerar que as imagens carregam valores. Notamos que em algumas edições de escaladas do *Jornal Nacional*, são usadas imagens com um intuito maior do que “ilustrar” o texto, mas sim porque elas carregam informações, tendo o poder de impactar o observador (telespectador). As imagens podem impactar o observador por serem inéditas, improváveis, do interesse do espectador, por causarem-no empatia ou até mesmo por uma relação de proximidade, seja ela geográfica, social, política ou econômica.

No que tange à metafunção interativa da GDV, que analisa a relação dos participantes com o observador, existe um processo denominado distância social. A distância social é mediada a partir de três planos: plano fechado, plano médio e plano aberto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Consequentemente, a intimidade, com ênfase nos detalhes, é medida em menor e maior grau a partir do enquadramento da imagem, que caracteriza a distância social.

No primeiro exemplo do Quadro 5, a imagem está enquadrada no plano fechado, que nos permite ter maior riqueza de detalhes do rosto do participante (âncora), contribuindo assim para uma noção de proximidade e familiaridade e, consequentemente, de envolvimento com os elementos noticiosos, visto que conseguimos visualizar melhor as expressões faciais.

Já no segundo exemplo do Quadro 5 temos imagens enquadradas em planos médios, em que aparece a imagem dos dois participantes (âncoras). Nesse caso, os detalhes são menores, e a distância aumenta, diminuindo, assim, o grau de intimidade entre telespectador e participantes da composição imagética. Já no terceiro exemplo, o enquadramento das imagens está em plano aberto. Esse, na maioria das vezes, só aparece com imagens relacionadas ao elemento noticioso narrado pelos apresentadores, quase nunca dos apresentadores do telejornal, tendo em vista que estão sentados por trás de uma bancada. Esse recurso de inserção de imagens em plano aberto só é utilizado quando as imagens exibidas conferem algum valor muito importante agregado a ela. Com isso, no exemplo apresentado a distância é longa, conferindo um grau de impessoalidade e desconhecimento.

Quadro 5 – Distância Social

	RB: “Morre aos 66 anos o Jornalista Ricardo Boechat da rádio Band News FM e da TV Bandeirantes.”
	RV: e nesta Segunda-Feira mais um incêndio provoca ferimentos em jogadores de futebol.
	RV: “Depois da enxurrada de lama, quase 7 mil alunos voltam às aulas em Brumadinho.”

Fonte: Jornal Nacional, 11 Fev. 2019.

Outro tema muito abordado nas escaladas do período estudado, a exemplo da escalada do dia 15 de fevereiro de 2019, concerne a questões do cenário político, considerando que o Brasil acabara, em primeiro de janeiro de 2019, de consolidar um novo representante do cargo majoritário. O governo do recém empossado presidente da república, juntamente com seus ministros e representantes, vinha provocando grandes repercussões nos meios de comunicação. Uma vez que desde o período da campanha eleitoral o candidato vem dando declarações polêmicas, como por exemplo, as questões de gênero, sobre as mulheres no mercado de trabalho e sobre a legalização do porte de armas no Brasil.

Podemos dar o exemplo da declaração da ministra dos direitos humanos, em que afirmou “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Ressaltamos que essa declaração parte de um posicionamento ideológico com bases tradicionais, ferindo a individualidade dos sujeitos, pois não considera as particularidades. Diante disso, houve nas mídias de massa fortes protestos contra essa declaração, numa busca de desconstrução de uma visão considerada preconceituosa, na qual existe cores definidas para ambos os sexos, almejando travar lutas contra as relações de poder que oprimem a liberdade da expressão e de ser, contra as relações ideológicas que se consideram preponderantes e querem estabelecer relações hegemônicas.

Usaremos a escalada dessa mesma edição do *Jornal Nacional* para focar o significado representacional narrativo. No primeiro enquadre da Figura 3, temos a imagem da apresentadora do telejornal (participante) que assume a função de reator, tendo como alvo do seu olhar o espectador (o fenômeno). Deste modo, esse processo é denominado de transacional, uma vez que é possível identificar o alvo do seu olhar ainda que não faça parte da composição visual da imagem. Este formato de

apresentação de imagens é o mais frequente quando diz respeito à apresentação da escalada de telejornal.

Figura 3 – Significado representacional narrativo



Fonte: Jornal Nacional, 15 Fev. 2019.

Quanto ao segundo enquadre da Figura 3, temos um jogo de imagens que faz referência aos elementos noticiosos narrados pelos apresentadores. Percebemos, portanto, a existência de dois atores, que exercem tanto a função de ator como de meta, de modo que são interatores, uma vez que alternam os papéis, promovendo assim um processo bidirecional (transacional). Ressaltamos que este tipo de processo não é comum durante a apresentação da escalada quando os participantes são os âncoras. Frequentemente aquele que está enunciando o texto oralmente olha para a câmera, tendo como fenômeno o telespectador, de modo a transparecer uma relação de confiança ao transferir a notícia.

Ainda sobre a Figura 3, no terceiro enquadre podemos destacar o mesmo processo sendo realizado por ambos os participantes só que de maneira diferente. Os dois participantes são reatores, o apresentador tem como fenômeno a outra participante, enquanto a apresentadora tem como fenômeno o observador/telespectador da imagem, que não faz parte da composição imagética.

Assim, ambos possuem alvos precisos de seus olhares, configurando processos de reação em estruturas transacionais.

Já no último enquadre da Figura 3, temos atores em estruturas não-transacionais, visto que o alvo dos seus olhares não podem ser definidos, uma vez que não possuem pontos fixos dentro da composição da imagem. Na maioria das vezes, imagens como estas só aparecem em jogos de imagens com locuções em *off*.

Compreendemos que, ao tratarmos de recursos cinésicos, estamos nos referindo basicamente às expressões faciais. É possível ter conteúdos eufóricos, mas nos delimitamos nessa análise à tensão disfórica, que é reforçada, pelo que se pode depreender da figura dos participantes em cena, pelos apresentadores do telejornal.

Quadro 6 – Recursos cinésicos



RV: “Dois dias depois de ser chamado de mentiroso, pelo filho de Jair Bolsonaro e pelo próprio presidente, o ministro Gustavo Bebianno diz que não há crise.”

Fonte: Jornal Nacional, 15 Fev. 2019.

No Quadro 6, observamos não somente as expressões faciais mais intensas, mas também o meneio de cabeça da apresentadora. No mais, as expressões de empatia, tristeza, frustração ou depressivas, estão arraigadas de conteúdo disfórico. Tais recursos aparecem sempre que se falam de alguns temas recorrentes nas escaladas do período de janeiro a março de 2019: o rompimento da barragem em Brumadinho; o incêndio no Ninho do Urubu no Rio de Janeiro; o massacre na escola em Suzano/MG; as polêmicas no campo da política; e, notícias de violência contra a mulher e de feminicídio.

Para analisarmos a ação cinésica/expressão facial partimos dos preceitos da GDV da metafunção interativa, em que o personagem estabelece uma conexão do seu olhar com o observador, convidando-o à interação, esse processo é denominado de contato, produzindo uma demanda.

Como pode ser visto nas imagens do Quadro 7, esse processo vem agregado a expressões cinésicas de alegria, tristeza, frustração e meneio de cabeça, que consistem em movimentos no sentido vertical e horizontal. Notamos que o nível das expressões faciais é bastante variável.

Isto posto, a análise promovida nesta pesquisa assinalou uma linha de achados que vieram a comprovar os elementos da linguagem que constituem o discurso midiático, vislumbrando as relações de poder, ideológicas e hegemônicas ratificadas no discurso da mídia.

Quadro 7 – Ação cinésica/expressão visual



Portanto, precisamos saber nos posicionar em frente aos produtos de mídia, isto é, frente às notícias e ao discurso jornalístico. Precisamos assumir uma postura de espectador com letramento crítico de mídia, que questiona, analisa e critica a informação e os elementos noticiosos. Haja vista que as notícias são manipuladas a partir de um ponto de vista ideológico. Devemos ir além da materialização do texto verbal. É preciso analisar também os textos imagéticos e multimodais e, sobretudo, os aspectos discursivos. Assim, na seção a seguir tecemos algumas considerações para efeito de fim apontando para necessidade permanente de estudos dos discursos do texto da mídia jornalística televisiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma análise dos textos da mídia é necessário dar enfoque a como o mundo e os eventos sociais são representados. Precisamos estar atentos a como as identidades são construídas pelos sujeitos envolvidos e quais relações são estabelecidas. Logo, é indispensável um olhar atencioso para a análise da construção das relações e identidades nos textos da mídia, uma vez que estas despertam importantes questionamentos socioculturais (FAIRCLOUGH, 2006).

Para tanto, esta pesquisa esteve centrada nos interesses e controle do conhecimento, na construção de consenso e na emancipação dos sujeitos frente aos produtos de mídia. Em outras palavras, a análise se apoiou no campo das práticas emancipatórias e de empoderamento, em respeito à abordagem crítica do discurso.

Podemos constatar que o texto jornalístico, quando materializado, parte de um discurso revestido de intencionalidade, que representa interesses por trás dele, partidos de uma ideologia, que muitas vezes busca instaurar relações de hegemonia e poder sobre outros sujeitos e em diversas esferas da vida humana. De tal modo, devemos nos colocar de maneira reflexiva para o enfrentamento dos grandes conglomerados de mídia, assumindo um letramento crítico de mídia.

Nessa perspectiva, é necessário invocar o caráter emancipatório da pesquisa em análise crítica. E esse tratamento pode ser dado sob a forma de proposta de aplicação em uma pedagogia crítica da mídia, em outras palavras, de letramento para a mídia. Para tanto, o profissional de educação precisa assumir seu papel de pesquisador (COSTA, 2016)

Diante disso, estudos do modo de caracterização estrutural e funcional se apresentam como essenciais ao tratamento de um trabalho em sala de aula, em que se tomem aspectos ligados à produção e leitura de textos genuínos. Além de considerar o cunho ideológico, argumentativo/persuasivo e de relações de poder.

Nesse contexto, reconhecemos que a função do professor de língua é indispensável nesse âmbito. O docente tem o papel de oferecer ao seu aluno a possibilidade de buscar o enfrentamento de práticas discursivas, que comumente estão imbuídas de traços de desigualdade e relações assimétricas de poder, como as produzidas pelos grandes conglomerados de mídia.

Nos segmentos noticiosos analisados percebemos uma predominância de representações de processos narrativos – que analisam a relação entre os participantes da imagem – de estruturas transacionais, no qual o participante (apresentador) assume função de reator por ter o alvo do olhar definido, isto é, um fenômeno que normalmente é o espectador. O mesmo processo também foi notado de outro modo. Com os dois jornalistas âncoras (os participantes) em cena, enquanto o primeiro profere sua elocução, o segundo participante direciona seu olhar para o primeiro (fenômeno). Ademais, verificamos estruturas transacionais bidirecionais. Essas só ocorrem neste segmento quando são intercaladas imagens que sobrepõem a elocução dos jornalistas. Não encontramos registros dessas estruturas nas escaladas quando os participantes são os âncoras.

No tocante à multimodalidade, enfatizamos os diversos mecanismos que ajustam o nível de realidade da imagem, possibilitando a criação de imagens que representam coisas como se não existissem, que vai da aproximação do real, da objetividade, ao irreal (FERNANDES; ALMEIDA, 2008). Averiguamos que os segmentos do jornalismo televisivo usam os elementos multimodais nas imagens, desde gestos, olhar, postura, cenário, ações cinésicas e até controle da voz.

Por fim e não menos importante, não podemos deixar de destacar a relevância que esta pesquisa assume não somente para os estudos de vocação crítica do discurso, mas também para a área da comunicação, *design* e tantas outras, devido ao seu caráter transdisciplinar transpassando por diversas áreas de conhecimento. Salientamos, também, a sua importância para as práticas de leitura, interpretação e escrita em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Lucélio Dantas de; SOUZA, Medianeira. A multimodalidade no gênero blog. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). **Perspectiva em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

BAUER, M.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Ivandilson. **Análise do discurso da mídia: a reestruturação promocional do texto jornalístico**. 236f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. London; New York: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge. 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001[1992].

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. 2. ed. London: Longman, 1990.

FERNANDES, José Davi Campos; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). **Perspectiva em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2004.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. **Reading images: the grammar of visual design**. London/New York: Routledge, 2006.

MORAES, Dênis (Org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Boitempo, 2013.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise do Discurso (para a) Crítica: o texto como material de trabalho**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998 [1995].

WODAK, Ruth. Introduction: Discourse studies – important concepts and terms. In: WODAK, Ruth; KRYŽANOWSKY, Michal (Ed.). **Qualitative discourse analysis in the social sciences**. London: Palgrave, 2008.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 233-243, 2004.